

## **Resistência e história na imagem do *flâneur*** **Resistance and history in the image of the *flanêur***

Jorge de Freitas

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil  
defreitasjorge2@gmail.com

**Resumo:** Destacando que a imagem do flâneur pode conter o todo da constelação benjaminiana da modernidade, este artigo pretende reconstruir o traçado da historiografia de Benjamin a partir do flâneur entendido como o momento de irrupção de uma outra história, não obstante, fadado a desaparecer.

**Palavras-chave:** *Flâneur*. Modernidade. Benjamin.

**Abstract:** Highlighting that the image of the *flâneur* can contain the whole of Benjamin's constellation of modernity, this article intends reconstruct the route of Benjamin's historiography from the *flâneur* understood as the moment of irruption of another story, however, doomed to disappear.

**Keywords:** *Flâneur*. Modernity. Benjamin.

Walter Benjamin, ao investigar as obscuras produções literárias do teatro Barroco alemão em *Origem do drama trágico alemão* (2011) (*Ursprung des deutschen Trauerspiel*), ressalta que é justamente nas obras dos poetas menores, renegadas pela crítica, em que se é possível encontrar a expressão própria de uma época. Tal consideração, de antemão, parece revelar traços importantes da perspectiva metodológica de Benjamin, a saber, aquela do desvio em direção àquilo que “resta”, ao fragmento. Fragmentos desprezados pela grande crítica literária – como o caso dos dramas alemães do século XVII – e pelo movimento progressista e fetichista da dominação capitalista nos idos do nascente século XIX, com o advento da modernidade – como, por exemplo, os sintomas colecionados por Benjamin dos tipos heroicos que emanam da poesia de Charles Baudelaire e da multidão parisiense, entre eles o *flâneur*.

É através da metodologia do desvio – do estar atento aos fragmentos e aos detalhes – que o pensador alemão empreende a construção da historiografia material orgânica e inorgânica da Paris século XIX, local por excelência da efetivação do império capitalista devido à consolidação da mercadoria como mediadora das relações sociais. A historiografia empreendida por Benjamin possui certas peculiaridades que a diferenciam do corrente historicismo burguês promovido na época e constituem o caráter único da noção benjaminiana da história, entre elas, cabe ressaltar, a necessidade de ruptura com sua visão progressista; a interrupção da continuidade e da linearidade da escrita histórica pautadas na empatia com a

visão do vencedor e, sobretudo, a consolidação de um outro historiador<sup>1</sup> atento aos momentos em que o passado se ilumina revelando a possibilidade da alteridade no curso da história. Nos termos de Benjamin, dispostos no arquivo “N – Teoria do conhecimento, teoria do progresso” do Projeto das *Passagens* (2009), um historiador capaz de captar o momento em que o “ocorrido encontra o agora em um lampejo;” (BENJAMIN, 2009, p. 504, [N 2a,3]) reconhecendo no “agora de uma determinada cognoscibilidade” (BENJAMIN, 2009, p. 504, [N 3,1]) os elementos que proporcionam a possibilidade da visualização da história a partir de um outro viés<sup>2</sup>. No que diz respeito à teoria benjaminiana da modernidade, a imagem do *flâneur* parece ser um desses elementos carregados de historicidade, conforme o presente ensaio tentará experimentar.

De maneira monadológica, destacando que a imagem do *flâneur* pode conter o todo da constelação benjaminiana da modernidade, é possível reconstruir o traçado da historiografia de Benjamin a partir do *flâneur* entendido como o momento de irrupção de uma outra história, não obstante, fadado a desaparecer. Parte desse processo inicia-se com o retorno ao conto *O homem da multidão* (2011), de Edgar Allan Poe, a fim de ressaltar o aspecto paradoxal do *flâneur* e, posteriormente, as diferenças destacadas por Benjamin entre Poe e Baudelaire no tocante a tal figura.

No breve conto de Poe, um sujeito, recém-saído do estado de convalescência, observa da janela de um suntuoso café o movimento sempre mutável da multidão da cidade de Londres. Nessa observação, ele é capaz de captar os aspectos fisionômicos dos passantes e classificá-los em classes sociais específicas devido à análise dos pormenores das vestimentas e dos trejeitos que possuem. Ele é capaz de reconhecer, por exemplo, o grupo dos jogadores profissionais através do “tom de voz cautelosamente baixo e o polegar mais afastado que o comum dos outros dedos, que chegam a formar com eles um ângulo reto”; o grupo dos dândis e dos militares, que são caracterizados, respectivamente, pelas “longas madeixas e os sorrisos” e pelas “casacas enfeitadas com alarmares e os cenhos franzidos” (POE, 2011, p. 95). A capacidade de fisionomista de Poe é o que interessa à abordagem realizada por Benjamin do referido conto<sup>3</sup>, pois, para o pensador alemão, a descrição que Poe realiza da multidão é extremamente realista e põe em evidência o automatismo do modo de caminhar desta multidão observada. Nas palavras de Benjamin, a descrição de Poe “contém uma verdade superior. Estes movimentos são menos os de pessoas que se ocupam de seus negócios do que os movimentos das máquinas por elas operadas. Poe parece ter modelado, premonitoriamente, a atitude e as reações das multidões ao ritmo das máquinas” (BENJAMIN, 2009, p. 383, [J 60a, 6]). Em outra passagem, o que aparece em evidência nas

---

<sup>1</sup> Esse historiador pode ser entendido, em um sentido mais geral, não apenas como historiador, mas também como pensador, crítico, cientista, filósofo e, sobretudo, como alguém atento à observação dos detalhes e à montagem dos fragmentos. Não é, de modo nenhum, o historiador materialista ingênuo que acredita no advento futuro da revolução como uma espécie de redenção messiânica forte (otimista), mas, sim, aquele historiador pessimista, afeito às deficiências da noção materialista de história e que dirige o seu olhar para a origem (passado), buscando capturar os elementos que a partir dela se iluminam. A sua rede de captura se compõe da junção entre o materialismo e a teologia judaica; contudo, seu otimismo na revolução messiânica é fraco, frágil, estreito.

<sup>2</sup> No sentido que empreendemos aqui, entendemos a noção benjaminiana da história como o movimento de estar atento ao passado visando a abertura para outras possibilidades de interpretação obscurecidas pelo discurso histórico hegemônico. Em outros termos, o entendimento da história como a possibilidade para a possibilidade. A imagem do *flâneur*, nesse caso, pode evidenciar, justamente, outro direcionamento para a visualização da história.

<sup>3</sup> É sintomática a exclusão de Benjamin acerca das possíveis interpretações psicanalíticas e individualistas desse conto de Poe. Talvez possamos creditá-la à sujeição do conto ao código mestre de Benjamin, o marxismo.

descrições fisionômicas do conto é uma verdadeira “psicologia das classes” (BENJAMIN, 1985, p. 80), passível de revelar o estágio da alienação no qual se encontrava a multidão londrina. Contudo, um indivíduo específico escapa à capacidade do olhar classificatório do observador, fazendo com que este adote as vestes do detetive e empreenda uma perseguição através da multidão, enfrentando os choques e solavancos que ela proporciona. Nesse sentido, surge então a seguinte questão: seria este indivíduo que resiste aos impulsos de classificação o *flâneur*?

O próprio Benjamin parece se confundir a respeito desse misterioso indivíduo capaz de pôr em xeque o intento classificatório de Poe, visto que, ora ele o classifica como um *flâneur*<sup>4</sup>, ora destaca que na multidão londrina do conto, “a *flânerie* não poderia chegar a florescer” (BENJAMIN, 1985, p. 81). Logo, o característico *flâneur* parisiense não poderia resistir ao automatismo de Londres. Por meio desse paradoxo, ilumina-se uma importante configuração histórica através da imagem sintomática do *flâneur*, a saber, o grau de diferenciação dos estágios de modernização e industrialização da Londres de Poe e da Paris de Baudelaire.

Londres, cidade berço da Revolução Industrial, já se encontrava em um adiantado processo de modernização e industrialização em relação a Paris, sua população já se configurava como massa trabalhadora em prol da indústria. Nesse sentido, Benjamin destaca uma passagem de *A situação da classe trabalhadora da Inglaterra*, de Friedrich Engels, que ressalta a configuração da massa londrina como aquela que teve de “sacrificar a melhor parte de suas qualidades humanas para realizar todos estes milagres da civilização”, uma multidão a se comprimir no “tumulto de ruas” que possui “algo de repugnante, algo que revolta a natureza” (ENGELS apud BENJAMIN, 2009, p. 472, [M 5a,1]). Parece-nos que o *flâneur* – em meio às necessidades da máquina industrial que automatiza o indivíduo e o transforma em um arremedo de classes totalmente despossuído de sua subjetividade – não consegue se desenvolver como uma imagem da resistência – conforme aparecerá, inicialmente, na Paris de Baudelaire –, pois, na Londres de Poe e Engels, o *flâneur* não possui o espaço necessário para a caminhada tranquila, para o exercício do ócio e da contemplação das vitrines e, sobretudo, não há, para ele, nenhum local que possa lhe servir de abrigo, visto que a rua é o habitat dos violentos automóveis e a própria multidão lhe é hostil. Dessa forma, os movimentos automatizados, o aspecto doentio e os “encontrões” lhe encurtam o espaço da prazerosa *flânerie*. Deste modo, na multidão industrial londrina, o *flâneur* “se distancia totalmente do tipo passeador filosófico e assume os traços do lobisomem a vagar irrequieto em uma selva social” (BENJAMIN, 2009, p. 463, [M 1, 6]). Contudo, como dito acima, na Paris de Baudelaire o *flâneur* resguarda um traço sutil de resistência perante à coisificação mercadológica do mundo. Isso porque, de início, Paris, atrasada em relação a Londres quanto ao progresso industrial, não se figura como a matriz do industrialismo, mas, sim, como a metrópole onde o sonho do capitalismo pode ser observado sem as sujeiras e as graxas que as engrenagens do capital deixam pelo caminho. Isto é, Paris é a uma morada de sonho que oferece ao *flâneur* diversos refúgios e a incessante embriaguez das ruas e da multidão.

Diferentemente do indivíduo inclassificável de Poe, o *flâneur* parisiense não é, de modo algum, o elemento antissocial ou o lobisomem que vê a multidão como uma presa. Ao contrário, o *flâneur* tem a multidão como um narcótico com o qual ele realiza a “comunhão” (BAUDELAIRE, 2011, p. 69) ao elegê-la como seu domicílio. É através do flânar no meio da massa parisiense – ainda não totalmente uma massa compacta e automatizada como a

---

<sup>4</sup> Cf. BENJAMIN, 1985, p. 76.

multidão londrina – que o *flâneur* exercita a sua individualidade como provocação à automatização dos indivíduos, tal como o *dândi* a exercita na escolha da roupa<sup>5</sup>.

Na Paris do início do século XIX, o *flâneur* contempla a cidade como se ela fosse uma paisagem artística e ela se fecha em torno dele como um refúgio; nesse espaço de sonho, ele desvenda os mistérios urbanos através da inspeção de seus labirintos<sup>6</sup> e caminha tranquilo pelas ruas e passagens de Paris, que “são tanto casa quanto rua” (BENJAMIN, 2009, p. 48).

As passagens merecem um desenvolvimento mais demorado, visto que se relacionam diretamente à época de ouro e ao declínio do *flâneur*. As passagens, produtos da cidade de Paris, são as moradas da mercadoria de luxo. Nelas, a arte coloca-se a serviço do comerciante através da estilização arquitetônica do vidro e do ferro, culminando na cultura da exposição mercadológica em vitrine. Nas passagens, a rua transforma-se em casa, isto é, em residência para o coletivo, oferecendo a segurança das inovações tecnológicas, como, por exemplo, a iluminação a gás e a sedução das mercadorias. Nelas, o *flâneur* é o sonhador ocioso; ali, ele pode exercitar com tranquilidade a sua condição de observador, caminhando a passos lentos pode se embriagar, não só com as fragrâncias que emanam vindas de trás das vitrines, como também com aquelas que provêm dos corpos à venda. Nas moradas de sonho, o *flâneur* – que não poderia ser senão criação de Paris<sup>7</sup> – reclama os direitos do ócio ao protestar “contra a divisão do trabalho” (BENJAMIN, 2009, p. 471, [M 5,8]), exigindo que a marcha progressista da modernidade assuma o seu passo, a saber, a caminhada tranquila, contemplativa, ditada pelo ritmo das passadas das tartarugas. Entretanto, confirmado pelo declínio das passagens em face das grandes e inóspitas lojas de departamento (*magasins de nouveautés*), a resistência do *flâneur* sucumbe à voracidade do progresso técnico e a transmutação de tudo em mercadoria, o que exige, constantemente, a dessubjetivação do indivíduo, bem como a sua massificação que pode ser visualizada com primazia nas descrições fisionômicas de Poe e na transformação do *flâneur* “em agricultor, produtor de vinho, fabricante de linho, refinador de açúcar, industrialista do aço” (RATTIER apud BENJAMIN, 1985, p. 82), ou seja, em proletariado especializado.

A resistência do *flâneur* está fadada a desaparecer, a sucumbir perante a selvageria e dominação do capital a ponto de Baudelaire – que, por vezes, encarnou a máscara do *flâneur* – constatar ser mais vantajoso perder a auréola do que ser dilacerado pelos automóveis. Parece-nos que, através da constatação da perda da auréola – essa característica única e singular que é própria ao *flâneur* e ao poeta –, pode-se diagnosticar o momento histórico de preponderância do capital e extinção da resistência do heroísmo moderno<sup>8</sup>. Para isso recorreremos, nessa parte final do ensaio, à imagem do poeta como *flâneur*.

---

<sup>5</sup> O *dândi* é considerado por Benjamin como outro herói da modernidade, cuja resistência reside no cuidado com a vestimenta a fim de destacar a sua individualidade em face do avanço da massificação dos indivíduos. Por vezes, tal vestimenta torna-se extravagante, conforme ressalta a seguinte descrição de Baudelaire, coletada pelo pensador no arquivo “J” do Projeto das *Passagens*: “Ele usa gravata vermelho-sangue e luvas cor de rosa.” (BENJAMIN, 2009, p. 293, [J 11a,2]).

<sup>6</sup> Um exemplo dos mistérios que a cidade resguarda ao caminhante ocioso pode ser visto no conto “O jogador generoso”, de Baudelaire.

<sup>7</sup> Benjamin acentua essa criação no fragmento [M 1,4] do Projeto das *Passagens*. Adiante, alguns trechos interessantes do fragmento: “Paris criou o tipo do *flâneur*. [...] Pois não foram os forasteiros, mas eles, os próprios parisienses, que fizeram de Paris a terra prometida do *flâneur*, a ‘paisagem construída de pura vida’, como Hofmannsthal certa vez a chamou.” (BENJAMIN, 2009, p. 462, [M 1,4]).

<sup>8</sup> Karl Marx apresenta um preciso diagnóstico da referente transformação com a ascensão da burguesia e modificação das antigas relações feudais para as modernas relações comerciais que se relaciona diretamente com o despojamento da auréola, em 1848, no *Manifesto do Partido Comunista*, segue a citação: “A burguesia despojou de sua *auréola* todas as atividades até então consideradas dignas de veneração e respeito. Transformou

Para Benjamin, Baudelaire, diferentemente de Poe, não prescinde da classificação racional dos indivíduos da metrópole em classes sociais, mas, ao contrário, procura destacar, justamente, aqueles indivíduos que escapam à classificação como passíveis de promoverem a iluminação de aspectos resistentes à temporalidade destrutiva da modernidade. Porém, como dito anteriormente, tal resistência não é suficiente frente às forças descomunais da modernidade.

Ao adotar as vestes do *flâneur*, a imagem de Baudelaire ilumina a história em duplo sentido: 1) no que diz respeito à necessidade de se dirigir ao mercado para encontrar um comprador devido à situação precária do literato na modernidade e 2) na embriaguez do seguir os rastros da massa desregrada que brota dos subterrâneos de Paris a fim de perseguir o substrato poético que ali reside, visto que Baudelaire foi um dos primeiros poetas a trazer a massa e os elementos da cidade para a lírica, em *As flores do mal* (2006). No primeiro sentido, a resistência do *flâneur* sucumbe perante as necessidades materiais impostas pela sociedade moderna, já que, sem o mecenas, o poeta/*flâneur* não consegue sustentar-se em sua ociosidade e precisa dirigir-se ao mercado para encontrar sustento. Desse modo, muda-se a visão que o poeta/*flâneur* possui da multidão, pois, esta agora não é apenas o seu narcótico ou o seu refúgio, mas também o seu público, comprador e freguês<sup>9</sup>. O segundo sentido ressalta uma modificação considerável na temática da lírica ao apropriar-se de temas como a cidade e a multidão, considerados, anteriormente, como ausentes de lirismo. Nesse sentido, como *flâneur/esgrimista*, o poeta entra em duelo com a multidão em busca do material poético, tentando aparar e resistir aos choques que ambas, multidão e modernidade, lhe conferem no caminho por entre os passantes.<sup>10</sup>

Podemos inferir no poema “A uma passante” (*A une passante*) um correspondente da fascinação que Baudelaire percebia no vai e vem da multidão e a inserção dessa temática no âmbito da poesia, pois, o movimento de troca de olhares fugidios entre a passante e o poeta – o qual sabe que essa “Efêmera beldade” (BAUDELAIRE, 2006, p. 320) é tão transitória que dali a pouco já fugiu do alcance dos seus olhos – revela que um dos grandes objetos de fascinação baudelairiana é, justamente, a imagem da própria multidão, ou melhor, o espetáculo da transitoriedade que a multidão exerce no palco da metrópole moderna. Ao aceitar essa fascinação e os imprevistos que a massa lhe trás, o poeta assume a sua disposição à *flânerie*.

Buscamos neste ensaio a reconstrução da narrativa histórica do processo de modernização tomando o *flâneur* como uma imagem capaz de iluminar os sintomas que são produzidos pela progressiva industrialização, revelando a possibilidade de outra visão historiográfica. Seja no conto de Poe – como o indivíduo que ao escapar do processo de classificação parece reforçar a sua possibilidade como *flâneur* em uma sociedade onde tal tipo é inaceitável – ou nas leituras que Benjamin faz de Baudelaire – ao evidenciar os dois

---

em seus trabalhadores assalariados o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem da ciência” (MARX, 2005, p. 48 – grifos nossos).

<sup>9</sup> Em uma analogia, Benjamin aproxima o movimento do poeta/*flâneur* que se dirige ao mercado para observar a multidão e se oferecer como mercadoria à atividade da prostituta. Nesse sentido, para o pensador o poema “A musa venal” (*La muse vénale*), “mostra o quanto o poeta considerava por vezes a publicação de obras poéticas uma forma de prostituição” (BENJAMIN, 2009, p. 376, [J 56a,3]).

<sup>10</sup> Tal constatação pode ser inferida na primeira estrofe do poema “O sol” (*Le soleil*): “Ao longo dos subúrbios, onde nos pardieiros / Persianas acobertam beijos sorrateiros, / Quando o impiedoso sol arroja seus punhais / Sobre a cidade e o campo, os tetos e os trigais, / Exercerei a sós a minha estranha esgrima, / Buscando em cada canto os acasos da rima, / Tropeçando em palavras como nas calçadas, / Topando imagens desde há muito já sonhadas” (BAUDELAIRE, 2006, p. 295).

momentos do *flâneur*: 1) como resistência à modernidade e 2) como fadado ao desaparecimento devido a sua inevitável mercantilização –, a imagem do *flâneur* parece trazer à tona a mutação de um possível estado de resistência e contestação ao progresso para a assimilação, indiscutível, a um estado de coisificação e massificação total dos indivíduos regido pelo capital e, conseqüentemente, pela mercadoria. Em termos baudelairianos, parece-nos que a imagem do *flâneur* apresenta-se como o momento historiográfico do último refúgio de um tempo do *ideal* – tempo harmônico anterior à coisificação dos indivíduos e à perda dos significados – frente à massiva violência da temporalidade do *spleen* – tempo da produção material incessante e da ausência dos significados e sentidos últimos.

### Referências bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_. As multidões. In: *Pequenos Poemas em Prosa*. Trad. Dorotheé de Buchard. São Paulo: Hedra, 2011.

BENJAMIN, Walter. “J – Baudelaire”. In: *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. “M – O *Flâneur*”. In: *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. “N – Teoria do conhecimento, Teoria do Progresso”. In: *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. *Origem do Drama Trágico Alemão*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

\_\_\_\_\_. A Paris do Segundo Império em Baudelaire. In: *Walter Benjamin: Sociologia*. Trad. e Org. Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Ática, 1985.

MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

POE, Edgar Allan. O homem da multidão. In: *O Pintor da Vida Moderna*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

